



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

Centenário da sétima aparição de Nossa Senhora em Fátima

Pe. Carlos Cabecinhas

No dia 15 de junho assinala-se o centenário da sétima aparição de Nossa Senhora em Fátima, a menos conhecida das aparições de Fátima.

Esta é uma aparição diferente das seis aparições precedentes: diferente na data, pois acontece a 15 de junho e não nos dias 13, de maio a outubro de 1917; diferente nos destinatários, pois a única vidente é Lúcia; mas diferente sobretudo na sua finalidade e na sua importância na mensagem de Fátima, pois enquanto o conteúdo das outras seis aparições se destinava à Igreja, a todos nós, esta sétima aparição tem como única destinatária a vidente Lúcia. Dito de outro modo: enquanto as seis aparições de 1917 eram fundamentalmente proféticas, a sétima aparição caracterizou-se essencialmente pela dimensão mística. É este caráter diferente que justifica que esta aparição seja bem menos conhecida do que as restantes.

Menos conhecida, mas de forma alguma carente de importância, pelo que nos revela acerca de Lúcia e do seu caminho de santidade e pelo que nos ensina sobre a nossa vida cristã e as dificuldades que temos de enfrentar. A vidente Lúcia tinha então 14 anos. Os seus dois primos, Francisco e Jacinta, tinha já morrido. D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, querendo proteger a jovem vidente e proporcionar-lhe a desejável educação, decide que ela abandone Fátima e vá para o Porto. Se Lúcia, inicialmente, lhe diz que sim, depressa começa a sentir a dificuldade de se separar da família e de abandonar os lugares que lhe eram familiares e a que estava apegada. A estas saudades do passado juntava-se o medo e a apreensão pelo que o futuro lhe reservava. É neste contexto de sofrimento e de dúvida que acontece esta sétima aparição. Lúcia regressa à Cova da Iria para rezar e foi aí que Nossa Senhora lhe apareceu para lhe dar força e lhe mostrar o caminho da vontade de Deus: “Aqui estou pela sétima vez, vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo te quiser levar, essa é a vontade de Deus”. E assim, animada pela Mãe de Deus, a Irmã Lúcia testemunha: “Repeti então o meu ‘Sim’, agora bem mais consciente do que, o dia 13 de maio de 1917”. Lúcia recuperou a paz interior, pois viu à luz de Deus a sua vida.

Esta sétima aparição permite-nos compreender o caminho de santidade que Lúcia abraçou: o caminho da obediência à Igreja, na pessoa dos bispos, dos seus superiores e na pessoa do Papa. Um caminho muitas vezes doloroso, como Nossa Senhora tinha anunciado na aparição de 13 de maio de 1917, mas que foi para ela meio de configuração com Cristo e de fidelidade à missão recebida enquanto profeta da mensagem de Fátima.

Mas esta sétima aparição, acontecida há cem anos, revela-nos também a nós, hoje, caminhos de santidade. Exorta-nos a imitarmos a atitude de Lúcia que, diante das dificuldades, procura Deus e se entrega à oração, permitindo que a luz de Deus ilumine as nossas vidas e nos restitua a paz. Convida à confiança, mas igualmente à obediência à vontade de Deus e à fidelidade à missão que Deus nos confiou.

Do Coração para a Capelinha das Aparições: crianças portuguesas fizeram peregrinação espiritual

Pelo segundo ano consecutivo, as crianças ficaram confinadas e não puderam participar na sua grande peregrinação anual a Fátima.

Carmo Rodeia

O Santuário de Fátima propôs uma peregrinação pelo coração para as crianças que, devido à situação sanitária, ainda não puderam reunir-se presencialmente na Peregrinação Nacional das Crianças, que habitualmente se realiza no dia 10 de junho, na Cova da Iria.

“Em 2021, dado o prolongamento do risco sanitário, continuou a não ser possível realizar em segurança o programa habitual. Por isso, o Santuário optou por propor novamente uma modalidade de peregrinação que tira mais partido da vivência espiritual e quotidiana do que da deslocação das crianças até ao Santuário de Fátima, no dia 10 de junho”, afirmou ao jornal Voz da Fátima a Irmã Sandra Bartolomeu, membro da Comissão Organizadora da Peregrinação das Crianças.

O dia 10 de junho – dia habitualmente celebrativo e de reunião festiva das crianças, seus catequistas e famílias – foi sinalizado por uma breve celebração na Capelinha das Aparições às 12h30, com transmissão pelos meios digitais do Santuário e pela TV Canção Nova.

A celebração foi presidida pelo cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima e integrou a recitação de um mistério do rosário, a entrega simbólica a Nossa Senhora de Estrelas de Esperança (um elemento do jogo, em lugar das habituais flores) por parte de algumas crianças, a revelação da resposta-chave para a última casa do jogo e a apresentação de um vídeo com o Hino da Peregrinação cantado por um mega coro.

“Num contexto muito marcado por dificuldades, tensões, crises e luto desencadeados pela pande-



mia, o tema da Peregrinação das Crianças de 2021 incidiu sobre a esperança a partir da mensagem de Fátima”, esclareceu ainda a Irmã Sandra Bartolomeu.

A peregrinação aconteceu, assim, através da proposta de um jogo – um “jogo da glória”, intitulado “Vitaminas de Esperança” –, por meio do qual se lançou o desafio de, em família, crescer na esperança de Deus.

A proposta assenta no tema do presente ano pastoral: “Louvai o Senhor, que levanta os fracos”, centrando-se na esperança a que apela a mensagem de Fátima, a partir das palavras que Nossa Senhora deixou a Lúcia, na aparição de 13 de junho: “E tu, sofres muito? Não desanimes. O meu imaculado coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

No pequeno vídeo que serviu de suporte a esta preparação, os mais novos puderam escutar Lúcia a narrar, na primeira pessoa, os acontecimentos de Fátima, como muitos deles foram ocasião de sofrimento, mas como

simultaneamente foram ocasião para Deus mostrar o seu grande amor, quer por cada um dos Pastinhos, quer por toda a humanidade, um amor que jamais nos abandona e que, por isso, se faz luz e esperança no meio da escuridão do sofrimento.

O objetivo desta caminhada espiritual foi “ajudar a tornar o coração de cada criança mais belo e a levar esperança a todos nestes tempos tão difíceis”, afirma a Irmã Sandra Bartolomeu.

“Na história de décadas da Peregrinação das Crianças, esperamos que este interregno de dois anos relativamente à sua celebração presencial, motivado pelas circunstâncias sanitárias que afetou todas as esferas da vida social, não diminua o desejo de participação dos grupos de crianças com os seus catequistas, mas antes sirva para a valorização desta iniciativa e para a sua vivência com um renovado vigor e significado quando esta vier a ser possível”, esclarece ainda a organização.



Santuário de Fátima

A segunda metade do ano pastoral vai ser marcada pelo regresso de muitas iniciativas que ficaram congeladas no ano de 2020. Entre junho e dezembro são várias as propostas pastorais que o Santuário irá promover, contando já com a participação presencial dos peregrinos, com destaque para o Simpósio Teológico-pastoral, o Curso de Verão, os retiros, as Visitas Temáticas e os Encontros na Basílica, que regressaram já no passado dia 6.

ENCONTROS NA BASÍLICA



O programa da edição deste ano pastoral dos **Encontros na Basílica** foi reagendado para o segundo semestre deste ano, devido aos constrangimentos provocados pelo Estado de Emergência que esteve em vigor no país até ao início do mês de maio. Assim, o primeiro encontro realizou-se no dia 6 de junho, tendo como orador o padre Ricardo Freire que abordou o tema “‘Jovem, eu te digo, levanta-te’: o Deus que levanta os fracos e dá a vida”.

A agenda dos Encontros na Basílica prossegue a 11 de julho, com a palestra “Atravessar o sofrimento com(o) Francisco e Jacinta” pela irmã Ângela Coelho, ASM e recital da organista Rute Martins. A 5 de setembro, o sacerdote de Leiria-Fátima Rui Rivo abordará o tema “O caminho que te conduzirá até Deus: o encontro com Deus como experiência de conversão”, num encontro que terminará com um recital do organista Davide Barros. O capelão do Santuário de Fátima, padre José Nuno Silva, falará sobre “A fragilidade como lugar teológico e espiritual” no dia 3 de outubro, dia em que o recital estará a cargo do organista António Mota. O último encontro deste ano pastoral está agendado para 7 de novembro e contará com o recital do organista Sílvio Vicente e com a palestra do diretor do Departamento para o Acolhimento de Peregrinos do Santuário de Fátima, André Pereira, que perspetivará Fátima como acontecimento, lugar e mensagem de esperança.

Os Encontros na Basílica são uma proposta dinamizada pelo Santuário de Fátima desde 2018, que, a cada ano, aprofunda, em cinco encontros, o tema pastoral em vigor.

SIMPÓSIO



“**Fátima, hoje: pensar a Santidade**” é o tema do Simpósio Teológico-Pastoral, organizado pelo Santuário, que decorrerá entre 18 e 20 de junho, depois de no ano passado, em virtude da pandemia, ter sido adiado.

A partir do exemplo dos primeiros dois santos de Fátima, em particular de Jacinta Marto, o Santuário leva por diante três dias de reflexão sobre aquela que é a identidade e o desejo de uma comunidade cristã – a santidade –, e que constitui a sua principal marca ao longo de mais de dois mil anos. O contexto de pandemia que o país e o mundo atravessam dita um “hoje” – tempo favorável no léxico cristão – que é uma oportunidade para refletir sobre as circunstâncias da própria humanidade.

Nomes como o Cardeal Luis Tagle; Crispino Valenziano, do Pontifício Colégio de Santo Anselmo; Jerónimo Trigo, teólogo moralista da Universidade Católica; Teresa Messias, da mesma Universidade; D. José Ornelas Carvalho, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa ou Fabien Revol, da Universidade Católica de Lyon são alguns dos nomes convidados para este simpósio que terá ainda um momento cultural, “Da música Mariana nas Raízes Lusófonas. Recriações etnomusicológicas”, por B’rbicacho, que decorrerá no Foyer do Centro Pastoral de Paulo VI, na primeira noite do simpósio.

retoma atividade pastoral com peregrinos

Iniciativas formativas e culturais do Plano Pastoral regressam à normalidade possível ainda em contexto de pandemia.

Carmo Rodeia

CURSO DE VERÃO



de 7 a 10 de julho

“Os rostos de Fátima: faces visíveis e invisíveis de um fenómeno secular” é o tema da VII edição do Curso de Verão, que, este ano, terá lugar entre 7 e 10 de julho, no Centro Pastoral de Paulo VI. A formação pretende esmiuçar o retrato social, religioso e político de Fátima ao tempo das Aparições, a partir de muitos dos seus protagonistas e perspetivar o alcance dos seus testemunhos para projecção e consequente globalização de Fátima enquanto acontecimento e mensagem.

Carlos Cabecinhas, Marco Daniel Duarte, Sónia Vazão, André Melícias e Carmo Rodeia são os rostos desta oferta formativa em Fátima.

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA



7 de julho 4 de agosto

1 de setembro 6 de outubro

As exposições temporárias são um meio de evangelização e um outro modo de apresentar a mensagem de Fátima, e têm uma característica fundamental, que é o facto de serem abertas e acessíveis a todos. A exposição temporária “Os rostos de Fátima: fisionomias de uma paisagem espiritual” receberá na primeira quarta-feira de cada mês, até outubro, uma **visita temática** que permitirá aprofundar os temas patentes na exposição.

Depois da coroa preciosa de Nossa Senhora e dos Rostos que veem: Francisco, Jacinta e Lúcia, os peregrinos podem acompanhar “Os rostos que caminham: os peregrinos de Fátima”; “Os rostos que difundem a mensagem”; “Os rostos que se opõem à mensagem” e “As celebrações de Fátima: rosto visível da comunidade orante”.

RETIROS



Depois de um longo período de confinamento em que o Santuário procurou proporcionar a experiência de Fátima feita de forma virtual, a partir da espiritualidade do coração, são retomados os retiros presenciais.

Sempre a partir desses grandes modelos da entrega de si próprios aos outros, os Pastorinhos, a Escola do Santuário procura levar cada participante a colocar-se na presença de Deus, abrir-se à graça e encontrar um lugar de paragem e tranquilidade para poder escutar Deus, para entrar na intimidade com Ele e aí encontrar o caminho para a verdadeira felicidade, em contexto de cada tempo litúrgico.

AGENDA verão

JUNHO

18-20 | Simpósio Teológico-Pastoral

JULHO

7-10 | Curso de Verão

7 | Visita temática

“Os rostos que caminham: os peregrinos de Fátima”

11 | II Encontro na Basílica

AGOSTO

4 | Visita temática “Os rostos que difundem a Mensagem”

14 | Vígilia Mariana

SETEMBRO

1 | Visita temática “Os rostos que se opõem a Fátima”

5 | III Encontro na Basílica

Novos horários convidam a novas visitas

A principal novidade do programa celebrativo do Santuário prende-se com o regresso da Missa das 16h30 que durante o tempo de confinamento foi suprimida do programa oficial.

Esta Missa é celebrada de segunda a sábado na Basílica da Santíssima Trindade e aos domingos regressa à Capelinha das Aparições. Desta forma, o Santuário retoma todas as celebrações habituais do programa oficial proporcionando aos peregrinos sete missas diárias, de segunda-feira a domingo e vários momentos de oração do Rosário: de segunda a sábado às 12h00, 14h00, 18h30 e 21h30; aos domingos é acrescentado o Rosário às 10h00, sempre na Capelinha das Aparições.

AGENDA outono

OUTUBRO

3 | IV Encontro na Basílica

6 | Visita temática

“As celebrações de Fátima: rosto visível da comunidade orante”

NOVEMBRO

7 | V Encontro na Basílica

TRANSMISSÃO EM DIRETO

As celebrações do santuário podem ser seguidas em www.fatima.pt; a Missa das 11h00 e a oração do Rosário às 18h30 e 21h30 podem igualmente ser seguidos no Youtube e no Facebook.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacaosocial@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

**Cardeal D. José
Tolentino Mendonça**

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“Confio muito no papel de Fátima porque este potencial e força de esperança vai ajudar-nos no reencontro conosco próprios e na compreensão mais profunda e mais espiritual daquelas que são as prioridades para o nosso tempo.”



“Fátima é uma espécie de escola onde aprendemos o amor incondicional de Deus” e o Santuário “uma vanguarda da construção da paz”

O Cardeal José Tolentino Mendonça é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI deste mês de junho. O Arquivista e Bibliotecário da Santa Sé fala do sentido da peregrinação, da necessidade que o mundo tem de conversão e da atualidade dos “três endereços” que Fátima propõe à humanidade contemporânea: “conversão, penitência e oração”.

Carmo Rodeia

O santuário começa onde? É a pergunta que se faz. D. José Tolentino Mendonça responde, sem dúvidas, que “começa no coração de cada um”. E onde começa Fátima? “Muito antes de Fátima e Fátima acaba muito depois de Fátima”, responde o cardeal da Cúria romana que presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de maio, que este ano retomou a presença de peregrinos, ainda que de forma muito restritiva.

“Quando o peregrino começa a vir para Fátima a sua vida já é um santuário porque a nossa vida é um lugar sagrado. Então, longe de Fátima já estamos dentro, cada vez mais dentro, e é importante que o Santuário tenha esta capacidade de expansão; não seja só este lugar, mas seja um lugar que ressoa, ressoa chamando, convidando e ressoa dando um dom, uma palavra, uma experiência que depois o peregrino leva para a sua vida”, afirma.

“Esta é a sua grande função: levar cada um a reconhecer que a sua vida é sagrada e que, reconhecer isso muda o que somos, convertemos e por isso faz-nos caminhar”, esclarece salientando a “consolação” que brota deste lugar: “aqui vimos beber à fonte, mas depois o gosto desta água nova, que aqui bebemos, ilumina-nos muito tempo, depois de nos termos despedido da placa topográfica que diz Fátima.”

“Nas peregrinações a pé descobrimos o valor do caminho que é um sacramental; um sinal de Deus” destaca ao sublinhar a disponibilidade dos sentidos de cada peregrino numa entrega “total e única” para amainar “os desejos e as sedes” do coração.

“A grande peregrinação é sempre interior. Um peregrino caminha no espaço para aprender a caminhar dentro de si. E quando nós não podemos caminhar na geografia do mundo, temos de o fazer na nossa geografia interior e o coração humano é uma grande estrada” afirma.

Nesta entrevista, disponível em www.fatima.pt/podcast e nas plataformas iTunes e Spotify, o cardeal

poeta, uma das figuras mais prestigiadas da Igreja portuguesa, reflete sobre a importância da mensagem de Fátima para a humanidade, neste segundo século de Fátima.

“Nós vivemos hoje um momento raro da história; é um momento de transição epocal. Julgo que a pandemia nos empurrou para o futuro, colocando-nos já num momento diferente, num outro momento histórico. E em cada momento histórico nós precisamos de uma reconstrução espiritual, de uma redescoberta e isso desafia o papel de Fátima no futuro. Eu confio muito no papel de Fátima porque este potencial e força de esperança, que em Fátima se vive, vai ajudar-nos no reencontro conosco próprios e na compreensão mais profunda e mais espiritual daquelas que são as prioridades para o nosso tempo”, insiste ao nomear as grandes prioridades desta “humanidade ferida”.

“As prioridades têm a ver com a qualificação da vida humana. ‘Homens sede homens’...O grito que São Paulo VI e depois de outro modo, adotando-o como seu, do Papa João Paulo II, e que agora acompanha o testemunho do Papa Francisco, é que é preciso qualificar a nossa humanidade, qualificando-a integralmente” alerta o Cardeal referindo a importância da dimensão espiritual.

“Nós hoje precisamos de uma conversão, viragem, mudança” enfatiza.

“Nós podemos olhar para a mensagem de Fátima e acharmos que é arcaica, antiga, desadequada, que já não é a mensagem própria do homem contemporâneo; contudo a mensagem de Fátima é atualíssima na sua proposta que se resume a três palavras: conversão, penitência e oração”.

D. José Tolentino fala da necessidade de uma “chave hermenêutica para decifrar o mundo”; da importância da adoção de um “estilo de vida simples e frugal” e da necessidade da oração como caminho de vida espiritual.

“Estes três endereços de grande simplicidade são fontes que devem ser redescobertas na contempora-

neidade”, salienta.

“Fátima tem um lugar muito especial e em Fátima percebemos como Maria tem uma espécie de magistério da consolação, que é típico das mães e muito especial na mãe de Jesus, Mãe de Deus e dos homens, que é Maria”, um “porto de abrigo para tantas procuras e gritos sufocados e outros ditos, tantas dores abertas e recalçadas, tantas lágrimas entregues e passos dados de coração ou pelas estradas a caminho de Fátima e a experiência que os peregrinos têm é uma experiência de acolhimento”, cada um de sua vez.

Mas Maria é também a rainha do Mundo e da Paz, lembra.

“A mensagem de Fátima é uma mensagem universal; é-o porque aqui se apresenta um Deus que vem falar de misericórdia, que se apresenta de coração nas mãos a falar ao ser humano”.

“Os santuários são lugares onde aprendemos o que significa uma cultura de paz, porque o nosso coração se transforma. As armas de guerra são transformadas em arados. Essa é a função do Santuário: uma pacificação do coração humano que depois tem um reflexo nas nossas sociedades. Por isso, o Santuário é uma vanguarda da construção da paz” destaca.

“O momento de viragem em cada percurso crente é quando cada pessoa se sente incondicionalmente amada; quando eu tomo consciência de que Deus me amou primeiro, que Deus toma a iniciativa de me amar em Jesus, antes de qualquer mérito ou boa ação” refere lembrando o exemplo dos pastorinhos que compreenderam esta amor de Deus pelos homens.

“Os Pastorinhos são místicos; os escritos da Irmã Lúcia são escritos místicos: nós precisamos dessa grande ciência que é a mística porque é a ciência do amor e da sua simplicidade. E, o amor é simples porque é possível, é uma competência: o amor aprende-se e Fátima é uma espécie de escola onde aprendemos esse amor. A imagem de Deus expressa em Fátima é deste Deus que ama incondicionalmente os seus filhos”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

As crianças



Foram três crianças as protagonistas do acontecimento de Fátima, que é, desde logo, lugar onde os mais pequenos têm destaque. No seu programa regular, o Santuário concretiza a atenção às crianças através de quatro propostas: os primeiros sábados com as crianças, “Um dia com o Francisco e a Jacinta”, visitas acompanhadas à Cova da Iria e a Peregrinação das Crianças.

Diogo Carvalho Alves

Foi a Jacinta, Francisco e Lúcia que Nossa Senhora legou a Mensagem que aponta um caminho para Deus pela conversão, adoração e oração, pedido que os Pastorinhos cumpriram num “sim” que se tornou exemplo de vida e que foi reconhecido com a canonização dos dois mais novos videntes, que, assim, se tornaram nos mais jovens santos não-mártires da Igreja Católica.

Assumindo-se como lugar onde as crianças são as primeiras protagonistas, o Santuário de Fátima oferece quatro propostas-alvo a esta faixa etária, pensadas para grupos e que exigem marcação prévia.

No primeiro sábado de cada mês, em resposta à devoção dos Primeiros Sábados sempre que haja solicitações nesse sentido, as religiosas da Aliança de Santa Maria desenvolvem um progra-

ma centrado na valorização da reparação e da consolação do Coração Imaculado de Maria, especialmente direcionado para os mais novos.

Para as crianças entre os 6 e os 12 anos, Fátima propõe “Um dia com o Francisco e a Jacinta”, uma proposta que dá a conhecer os modelos de santidade das vidas de Francisco e Jacinta Marto e a centralidade da amizade com “Jesus escondido”, numa introdução à espiritualidade de Fátima focada na dimensão eucarística.

Nas visitas acompanhadas, que podem ser personalizadas em função de cada grupo, as crianças são convidadas a percorrer os espaços do Santuário através de uma experiência vivencial feita em paralelo com a vida dos Pastorinhos.

A proposta mais congregadora é a Peregrinação das Crianças, que,

a cada 10 de junho, junta na Cova da Iria dezenas de milhares de pequenos peregrinos de todo o país.

Apesar das restrições impostas pela pandemia, em 2020 a peregrinação não deixou de ser cumprida pelo coração, num percurso feito com ajuda de vídeos e subsídios pastorais. Um ano depois, a proposta passou também por uma caminhada espiritual pedagógica e lúdica para os que não puderam estar em Fátima.

“Trouxestes muito encanto, muita beleza e muita alegria, que só vós sois capazes de trazer”, constatava o cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima perante cerca de 25 mil pequenos protagonistas de Fátima que coloriram o Recinto de Oração na última peregrinação das crianças realizada presencialmente na Cova da Iria, em 2019 (ver foto).

A PEÇA DO MÊS

MSE, inv. n.º 504-JOA.I.32

Sampaio, Filhos (ourives), século XX (anterior 1967)

Ouro fundido, batido, relevado, cinzelado, inciso; ametista e brilhantes incrustados

12,5 x 7,2 x 2,0 cm; 94,08 g



Cruz peitoral de D. João Pereira Venâncio

D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria, entre 1958 e 1972, ofereceu uma das suas cruzes peitorais a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em 22 de julho de 1982, juntamente com outros objetos de particular significado.

Lavrada a ouro fundido e executada pelos ourives “Sampaio, Filhos”, a peça apresenta tipologia de cruz latina, com as extremidades das hastes e braços rematados por recorte trilobado ajustado às terminações flordelizadas que neles se inscrevem de forma incisa. Ramagens, caules, flores e demais ornamentos fitomórficos formulam o léxico decorativo. Dentre esta gramática, figuram, inclusos em óculos circulares, quatro anjos alados pontuando cada extremidade da cruz, dois dos quais representados de perfil, voltados para o âmago da cruz. O nó da intersecção sobreleva-se pela ametista de formato elíptico, encastada em moldura de ouro com trama de torcidos na qual se incrustam brilhantes. A iconografia completa-se com a inclusão do brasão episcopal, disposto na haste central.

O reverso da peça apresenta superfície integralmente lisa, desprovida de ornatos. Ao centro, encontram-se quatro relíquias de santos guardadas em alvéolo, de formato oval, revestido de veludo bordô, protegidas por óculo de vidro e sobreposta de ouro. Cada relíquia faz-se acompanhar de tiras de papel, manuscritas, contendo a identificação dos Santos a que se referem, designadamente: São Francisco de Sales, Santa Margarida da Maria Alacoque, Santa Joana de Chantal e Santa Gemma Galgani.

A peça encontra-se musealizada na exposição permanente do Museu do Santuário de Fátima, “Fátima Luz e Paz”.

Museu do Santuário de Fátima

Sétima Aparição de Nossa Senhora em Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Segundo o registo que Lúcia faz nas suas Memórias ao descrever a aparição de maio de 1917, a Virgem Maria, nesse primeiro colóquio com os videntes, afirmou, depois de pedir que as crianças fossem «seis meses seguidos» à Cova da Iria: «Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez». Esta promessa, registada por escrito em 1941 na Quarta Memória, pode ter já relação com informações que os primeiros autores que escrevem sobre Fátima também registam, nomeadamente Manuel Nunes Formigão, quando se refere a palavras de Jacinta Marto em Lisboa («devia ainda aparecer outra vez», As grandes maravilhas de Fátima, p. 134), ou Antero de Figueiredo,

quando descreve a saída de Lúcia de Fátima rumo ao Porto (Fátima – Graça – Segredos Mistérios, 1936, p. 83): «[Lúcia] reviu de novo, em sua imaginação, a iluminada figura da Virgem Santíssima». Vários fatimólogos se debruçaram sobre esta matéria a fim de perceberem claramente que aparição seria esta e se a mesma se referia apenas a Lúcia ou incluiria outros destinatários. Embora já cientes de que se tratava de uma revelação privada particularmente dirigida a Lúcia no contexto do difícil momento de despedida da sua terra natal em ordem a abraçar uma nova forma de vida, é com a publicação das palavras de Lúcia incluídas no seu diário que fica

esclarecida a questão relativa à aparição de 15 de junho de 1921: «Assim solícita, mais uma vez desceste à terra, e foi então que senti a Tua mão amiga e maternal tocar-me no ombro; levantei o olhar e vi-Te, eras Tu, a Mãe Bendita a dar-me a Mão e a indicar-me o caminho; os Teus lábios descerraram-se e o doce timbre da tua voz restituiu a luz e a paz à minha alma: ‘Aqui estou pela sétima vez. Vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo te quiser levar, essa é a vontade de Deus’. Repeti então o meu Sim, agora bem mais consciente do que no do dia 13 de maio de 1917» (O Meu caminho, I, p. 6, ‘apud’ Um caminho sob o olhar de Maria, p. 122).

FÁTIMA AO PORMENOR



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

“Estou à espera”, atirei eu impaciente e já um pouco exaltado. Mas o meu filho não se vergou diante da minha cara de poucos amigos: “Tu esperas com muito pressa”, devolveu-me com ironia. E eu engoli aquelas palavras como quem recebe uma lição de Teologia e deixei-me ali à espera, na prece de que o meu tempo fosse fecundado pela esperança.

Esperar custa. Ou talvez seja o contrário: não esperar custa mais. Nada é tão triste como não ter nada pelo que esperar. Esperar não custa se estivermos cativados. O príncipezinho de Saint Exupéry aprendeu essa lição com uma raposa. Cativar é a arte paciente de mapear o caminho até ao outro: sentar-se à distância sem dizer nada e encurtar a distância a cada dia. E depois, esperar. Esperar pode

Dar tempo à espera

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

Desconfio que facilmente confundamos a arte de ser Igreja com a agenda cheia de eventos paroquiais...

tornar-se um deleite na alegria. A raposa explica ao amigo príncipezinho: «Se tu vens por exemplo às quatro da tarde, a partir das três eu começo a ser feliz. Mais vai chegando a hora, mais eu me sentirei feliz. Às quatro, eu estarei inquieta e agitada. Descobrirei, então, o preço da felicidade».

Só esperamos quando somos cativados. Talvez se jogue aí a nossa dificuldade, hoje, com a espera, o nosso desespero na espera. Se nada nos cativa, esperar não é mais do que o arrastar do tempo matemático e vazio de sentido. Engolimos o tempo à pressa, empanturrando-nos de atividades e de estímulos. Somos filhos da cultura do rápido. Se é verdade que somos o que comemos, o homem da *fast food* só pode ser um *fast man*. Se aprendêssemos a arte de desacelerar, talvez soubéssemos que a espera preenchida pela esperança não chega a ser longa, porque a antecipação do encontro é já

encontro. Então não seria necessário tapar o presente com aceleradores de estímulos, como quem quer experimentar sempre a próxima novidade, porque o futuro fecundaria já o presente com uma vida nova. É isso a esperança.

Pergunto-me sobre a nossa esperança em Igreja. As primeiras comunidades cristãs sentiram muitas vezes o peso da espera de que o Cristo viesse de novo. É certo que se sabiam justificadas. Tinham sido cativadas pelo Ressuscitado. Tinham esperança nele. Esperavam-no. Mas ele não parecia vir e as tribulações eram muitas. Não eram compreendidas. Eram motivo de chacota e de perseguição. Paulo diz-lhes que elas sabem que podem esperar porque foram cativadas por aquele que deu a vida por eles. A esperança tem um corpo, chama-se Igreja. Gosto de recordar a intuição sublime de Teilhard de Chardin: «o Senhor só virá rapidamente se o desejarmos

muito. É uma acumulação de desejos que deve fazer eclodir a Parusia». Esperar com um desejo intenso de Deus é tarefa daquele que foi por ele cativado.

Temo que, acelerados também em Igreja, nos esqueçamos da esperança. Desconfio que facilmente confundamos a arte de ser Igreja com a agenda cheia de eventos paroquiais, a multiplicação dos planos pastorais detalhados e dos documentos de orientação catequética ou a seleção dos métodos inovadores de evangelização. Dar corpo à esperança implica o tempo de cativar e ser cativado. E esta tarefa não tem hora marcada na agenda, nem método detalhado num qualquer plano pastoral. A esperança vive-se em comunidade quando eu sei dizer: “Estou à espera” sem que isso signifique que estou desesperadamente a contar os minutos. Talvez estejamos à espera com muita pressa. É preciso tempo para acumular a esperança.

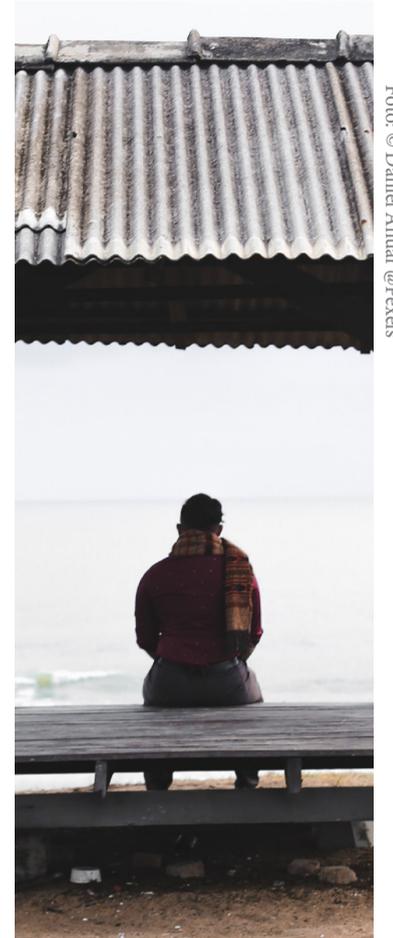


Foto: © Daniel Anuar @Pexels



OPINIÃO

Maria João Ataíde

Porquê este poema, quando Junho começa tão bem? Sim, no dia 1 celebra-se por todo o lado o Dia Mundial da Criança! Só que, infelizmente, a realidade de milhões de crianças por esse mundo fora está longe de ser humanamente aceitável.

Há no nosso país uma entidade para a Promoção dos Direitos e Protecção das Crianças em Risco, cuja presidente, M^a do Rosário Farmhouse, tem vindo a alertar, a propósito deste Dia Mundial da Criança, para o aumento dos casos de maus tratos e violência sobre os mais novos. Isto acontece sobretudo porque as vítimas têm estado fechadas em casa, devido à pandemia, com familiares stressados, deprimidos... o que torna muito

“Vemos, ouvimos e lemos não podemos ignorar”*

* Sophia de Mello Breyner Andersen in *Cantata da Paz*

Pedagoga

A autora escreve segundo a antiga ortografia

difícil detectar as situações de violência e negligência.

Existe outra realidade que afecta duramente a infância em Portugal: a situação de pobreza em que vivem cerca de um quinto das pessoas no nosso país, segundo um estudo publicado recentemente pela Fundação Francisco Manuel dos Santos sob o título *Faces da pobreza em Portugal* e que faz parte da colecção *Resumos da Fundação*. É um livro que todos devemos ler, pequeno, compacto e rigoroso, com coordenação de Fernando Diogo e tendo por base dados estatísticos do INE relativos a 2018; ou seja, ainda não tem em conta o agravamento da pobreza trazido pela pandemia. Ora nas *Faces* do estudo encontramos o rosto de muitas crianças.

Estas questões são ainda mais agudas em outras geografias. O que levou o Papa Francisco a reunir no Vaticano, em Fevereiro de 2020, altos responsáveis a nível político, económico e fi-

nanceiro de vários países para os interpelar: “Um mundo rico e uma economia vibrante podem e devem acabar com a pobreza...o nível de riqueza e de técnica acumulados pela Humanidade, bem como o valor que os direitos humanos adquiriram, não permitem mais pretextos. Devemos ter consciência de que todos somos responsáveis”

Deve também ser referido aqui o drama das crianças que trabalham. Afirma o jornalista Carlos Reis “As estimativas globais indicam que 152 milhões de crianças...estão em situação de trabalho infantil, o que representa quase uma em cada 10 crianças em todo o mundo.” (Revista *Alem-Mar*, Janeiro de 2021).

A Igreja Católica tem tido um papel essencial na luta contra a pobreza... o Novo Testamento refere como os primeiros cristãos partilhavam tudo o que tinham, um sinal de como se amavam! É através da CARITAS

que a Acção Social da Igreja se realiza, tendo esta instituição por missão o Desenvolvimento Humano Integral e a defesa do Bem-Comum e estando organizada da seguinte forma: ao nível das paróquias, das dioceses, nacional e internacional.

A CARITAS é financiada por donativos, campanhas, incluindo peditórios; segundo o boletim da Instituição, em 2020 foram apoiadas 122 300 pessoas no nosso país e de Abril de 2020 a Fevereiro de 2021 a verba distribuída foi de 355 125 €. Um exemplo interessante da sua acção é o Projecto *Trilhar Caminhos*, que teve início em Maio de 2019 e terminou em Abril de 2021 proporcionando a reclusos do Estabelecimento Prisional de Angra do Heroísmo uma formação em prevenção e reabilitação psicossocial e ainda cursos de Carpintaria e Electricidade em parceria da CARITAS com o Governo Regional dos Açores, a Escola Profissional da Praia da

Vitória e o Orçamento Participativo de Portugal.

O Presidente da República fez questão de louvar a CARITAS escrevendo no boletim da instituição “Parabéns por 65 anos de intervenção social junto dos portugueses, de combate à pobreza e todas as formas de exclusão...” e dando exemplos concretos da intervenção desenvolvida.

Terminamos com um apelo do Cardeal Tolentino à Esperança como virtude capaz de nos animar, apesar das injustiças e dificuldades. No seu livro, *Esperar contra toda a esperança* (2015, Universidade Católica Editora) ele cita S. Paulo “Que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança pela força do Espírito Santo (Rm 15,13) e Charles Peguy “A Caridade ama aquilo que é...a Esperança ama o que será”.

Esta é a mensagem: amar as crianças por aquilo que elas serão!

Sétima Aparição completa 100 anos

Última aparição na Cova da Iria foi dirigida a Lúcia, a única vidente viva em 1921 tendo Nossa Senhora cumprido o que anunciou a 13 de maio de 1917, quando disse aos Pastorinhos que haveria de voltar ainda uma sétima vez.

Carmo Rodeia

Em 15 de junho de 1921, Lúcia visita a Cova da Iria, com o intuito de se despedir deste lugar. Embora sem vontade tinha anuído à proposta do bispo de Leiria para partir, mas Lúcia estava hesitante. O convite do bispo para ir para o Asilo de Vilar, no Porto, tinha sido tentador do ponto de vista da exposição, já que a procura da pequena vidente não lhe dava sossego, mas Lúcia já estaria arrependida, acusando o peso da separação da família e dos locais que lhe eram familiares: “A alegria que senti ao despedir-me do Senhor Bispo durou pouco tempo. Lembrava-me dos meus familiares, da casa paterna, da Cova da Iria, Cabeço, Valinhos, do poço... e agora deixar tudo, assim, de uma vez para sempre? Para ir não sei bem para onde...? Disse ao Sr. Bispo que sim, mas agora vou dizer-lhe que me arrependi e que para aí não quero ir”, conta a religiosa no seu Diário.

A diocese de Leiria tinha sido restaurada em 1920 e D. José Alves Correia da Silva fora sagrado bispo diocesano e logo quis informar-se dos acontecimentos de Fátima e do paradeiro de Lúcia, única sobrevivente dos pastorinhos. Ao saber que, nessa ocasião, ela se encontrava em Fátima, pediu a uma senhora da sua confiança o favor de ir ver se, com a licença da mãe, a levava a Leiria. Assim, Lúcia encontrou-se pela primeira vez com D. José que a interrogou sobre as aparições e a aconselhou a guardar segredo do que havia testemunhado e a sair de Fátima.

Depois de ter concordado com a proposta do bispo, Lúcia entra em profundo sofrimento, arrependida entre a obediência ao prelado e a sua própria vontade, e decide visitar, por uma última vez, os terrenos da Cova da Iria, quando, de repente, tem uma visão de Nossa Senhora, como descreve na intimidade do seu diário, uns anos mais tarde: “Assim solícita, mais uma vez desceste à terra, e foi então que senti a Tua mão amiga e maternal tocar-me no ombro; levantei o olhar e vi-Te, eras Tu, a Mãe bendita a dar-me a mão e a indicar-me o caminho; os Teus lábios descerraram-se e o doce timbre da tua voz restituiu a luz e a paz à minha alma: ‘Aqui estou pela sétima vez, vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo



te quiser levar, essa é a vontade de Deus’. Repeti então o meu ‘sim’, agora bem mais consciente do que o do dia 13 de maio de 1917 e, enquanto de novo Te elevavas ao Céu, como num relance, passou-me pelo espírito toda a série de maravilhas que naquele mesmo lugar, havia apenas quatro anos, ali me tinha sido dado contemplar”. E, prossegue: “Por certo que, desde o Céu, o Teu maternal olhar me seguia os passos e, no espelho imenso da Luz que é Deus, viste a luta daquela a quem prometeste especial proteção: “Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”.

Completam-se cem anos desta aparição que é, porventura, pela sua natureza e pela destinatária, uma aparição dirigida a Lúcia e que iria moldar a sua história vocacional. Menos conhecida do que as restantes, não só as ocorridas na Cova da Iria e testemunhadas pelos pri-

mos Francisco e Jacinta Marto, mas também as ocorridas em Espanha, esta aparição assume, por isso, um caráter mais místico e molda o caminho de santidade da vidente de Fátima, que viveu sempre longe da Cova da Iria daí em diante.

No dia seguinte à aparição, Lúcia sai de Aljustrel, a caminho do Asilo de Vilar, no Porto, onde é admitida em 17 de junho à guarda das religiosas de Santa Doroteia, tomando o nome de Maria das Dores, sugerido por Mons. Manuel Pereira Lopes, confessor da casa, que em carta a D. João Pereira Venâncio explica: “quando ela entrou, sob condição de se guardar segredo, no Asilo de Vilar, assisti ou fui o padrinho da substituição do seu nome para Maria das Dores, que era o nome da então superiora do Asilo (Madre Maria das Dores Magalhães). Ela compreendeu as vantagens da substituição e foi fiel à promessa de segredo”.

Professou como religiosa do-

roteia em 1928, em Tui (Galiza, Espanha), onde viveu alguns anos. Pouco tempo depois morou em Pontevedra, Galiza, onde também lhe apareceu a Virgem, em 1925, em Pontevedra.

Lúcia haveria, ainda, de experimentar mais três aparições, que integram o denominado ciclo cordimariano, entre 1925 e 1929: a Aparição de Nossa Senhora, a Aparição do Menino Jesus e a Aparição da Santíssima Trindade e de Nossa Senhora.

Do relato desta sétima aparição relevam dois aspetos que haveriam de marcar a vida de Lúcia: a obediência ao bispo de Leiria, e consequentemente à Igreja, e a solicitude diante da Mãe, cumprindo esse pedido de Maria, nas Bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser”.

Obediência e resistência são, aliás, as duas “feições” que o teólogo e historiador José Rui Teixeira destaca na personalidade da vidente Lúcia de Jesus: “O âmago desta vida foi a oração, a intimidade espiritual com Deus. Nesse âmago, nunca esqueceu a Igreja, o Santo Padre; a conversão dos pecadores; a união das Igrejas e a unidade da Igreja; a sua comunidade e essa multidão silenciosa que – de todo o mundo – se recomendava às suas orações”, refere o biógrafo oficial no processo de beatificação e canonização da Serva de Deus.

Num vídeo que pode ser visto em www.fatima.pt, a propósito do perfil da religiosa, um dos rostos de Fátima patentes na exposição temporária do Santuário de Fátima, José Rui Teixeira sublinha: “Por mais que Lúcia tentasse manter-se oculta, por mais que as circunstâncias a isolassem e silenciassem, ninguém a esqueceu, mesmo depois de décadas de clausura. [...] Mesmo quando certos setores da Igreja portuguesa a condenavam a uma certa indiferença, o locutório do Carmelo parecia uma extensão da Cúria Romana e a cela de Lúcia transformava-se numa espécie de mapa-múndi de milhares e milhares de cartas que traziam o rumor de tantas necessidades e intenções”, lembra o teólogo, ao destacar a “grande capacidade de organização” e “obstinação” que permitiram a Lúcia divulgar e promover a Mensagem de Fátima e a devoção ao Imaculado Coração de Maria, ainda que em ambiente de clausura.

Cancelada iniciativa “Vem para o Meio: Férias para Pais de Pessoas Portadoras de Deficiência”



A iniciativa Vem para o Meio: Férias para Pais de Pessoas Portadoras de Deficiência bem como a proposta de voluntariado a ela associada agendada para os meses de julho e agosto, em Fátima, volta a não se realizar.

Os riscos reais de contágio da COVID-19, pelo contacto físico entre pessoas com uma saúde muito vulnerável, levou o Santuário de Fátima, em articulação com os Silenciosos Operários da Cruz, a comunidade religiosa que operacionaliza no terreno este projeto com o apoio do Movimento da Mensagem de Fátima, a concluir que não haveria condições para garantir a segurança de todos os envolvidos pelo segundo ano consecutivo.

Este projeto vive de afetos, na medida que implica uma constante atenção e proximidade entre todos os envolvidos, factos que não são compatíveis com as medidas de distanciamento físico e social que a atual situação exige e as autoridades de saúde recomendam.

A semana de férias decorreria no Centro de Espiritualidade Francisco e Jacinta Marto, dos Silenciosos Operários da Cruz, situada na Estrada de Minde, a 2,5 km da Rotunda Sul, com o Santuário a assumir as despesas da alimentação e de alojamento de todos os participantes.



MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

[www mmfatima.pt](http://www.mmfatima.pt)
secretariadonacional@mmfatima.pt
www.facebook.com/mmfatima.pt

Rua Santa Isabel, 360
 Cova da Iria
 2495-424 FÁTIMA
 Telf. 249 539 679

Na Linha da Frente com Nossa Senhora

Cátia Inês

Jesus, em Lc 10, 36-37, ensina-nos que o próximo é o que tem compaixão. É aquele que está atento e, independentemente do seu caminho, se compadece de quem precisa. Também Ele hoje nos interpela – “Então vai e faz o mesmo”. Esta interpelação de Jesus ressoa em mim como numa inquietação, num desassossego que me impele a dar uma resposta, a fazer caminho com Ele no meu dia a dia, enquanto profissional de saúde. E como fazê-lo? Quem é o meu próximo?

Estar na “linha da frente” não é imperativo que seja em hospitais, lares, unidades... estar na “linha da frente” é estar junto de quem precisa de nós, onde quer que esse alguém esteja: em casa, no nosso local de trabalho, na vizinhança...; é estar disponível para o próximo, seja ele quem for e onde quer que esteja. É estar num encontro permanente com Ele.

Por diversas vezes dei por mim a refletir sobre onde Ele queria que eu estivesse, colocando-me à Sua inteira

disposição. Mas nem sempre foi clara a resposta; bastante confusa por vezes. Mas fui fazendo caminho, tendo como certeza que não caminhava sozinha.

À medida que o tempo foi passando, dei-me conta de que Jesus está, mais do que nunca, ao nosso lado, no pai, na mãe, no irmão/ã, no/a vizinho/a, no/a conhecido/a e desconhecido/a. Está em cada olhar, em cada gesto e palavra. Está nos momentos de alegria, mas também não nos abandona nos momentos de tristeza. Segura-nos firmes pela mão. Não permite que baixemos os braços à primeira dificuldade. Capacita-nos para que possamos caminhar com e junto Dele. Ele está nos encontros e desencontros. Está ao nosso lado nos momentos de fragilidade e sofrimento. Está em nós quando decidimos “fazer o mesmo”, amando a vida e o próximo, com compaixão. Ele simplesmente está, e sempre esteve. Basta dispormo-nos a estarmos atentos e disponíveis.



A Senhora da Eucaristia

Padre Dário Pedroso

Celebrar a Eucaristia, contemplar Jesus no sacrário ou na custódia, comungar o Corpo e Sangue do Verbo do Pai feito homem no seio virginal de Maria Santíssima deve ser sempre uma recordação orante e agradecida à Mãe que nos deu o Pão do Céu, a Senhora do Santíssimo Sacramento, a Mãe do Cordeiro que tira o pecado do mundo, a Senhora que gerou e deu à luz Aquele que Se ofereceu no Calvário e que no altar, em cada Eucaristia, renova sua entrega. Podemos afirmar que a Eucaristia é dádiva de Nossa Senhora. Jesus na Ceia, quando instituiu a Eucaristia, podia, com toda a verdade, afirmar: “Tomai e Comei o corpo que minha Mãe gerou e deu à luz no presépio, que ofereceu no Templo, que alimentou e cuidou com amor, que amanhã vai oferecer no Calvário”. Jesus veio d’Ela, a Senhora é de verdade sua Mãe. Ele é carne da sua carne e sangue do seu

sangue. Sem o “sim” de Maria não tínhamos a Eucaristia. Devemos à Senhora, Mãe de Jesus, a graça do Corpo e do Sangue que comungamos. Se é verdade que a Eucaristia é dádiva do amor trinitário, essa dádiva passou por Maria; foi Ela que, com amor de Mãe, no-la deu e continua a oferecê-la em cada Eucaristia. Como no Calvário, a Eucaristia renova o sacrifício oblativo da Cruz, e a Senhora está presente em cada Eucaristia renovando a sua oferta e oferecendo o seu Filho. Com Ela e como Ela nos devemos oferecer com Cristo ao amor trinitário em cada Eucaristia.

Comungar como Maria

Os Evangelhos não mencionam a presença de Nossa Senhora na Última Ceia. Mas a comunidade primitiva afirma que os cristãos se reuniam para a Eucaristia, a que chamavam a

“fração do pão”. Presidida por Pedro ou por Tiago, o primeiro bispo de Jerusalém, ou por outros Apóstolos, a comunidade reunia-se para participar na Ceia do Senhor. Como Maria, estava com os Apóstolos no dia em que veio o Pentecostes, que entregue a João, vivia e rezava com ele e com a comunidade, podemos pensar com alegria e gozo que estaria presente nalguma Eucaristia e que tivesse comungado. Se Maria Santíssima comungou, creio que nem conseguimos imaginar com que fé, com que amor, com que devoção, com que interioridade o teria feito! Voltou a receber, na Eucaristia, o Jesus que gerou e deu à luz no presépio. Que insondável, que maravilhoso mistério! E podemos e devemos pedir à Senhora da Eucaristia que nos ajude a comungar como Ela o teria feito. Que nos dê a graça do seus sentimentos, da sua adesão in-

terior ao Divino Mistério que é o seu Filho, o Pão Vivo descido do Céu. Como precisamos de comungar bem, de nos prepararmos com reverência e amor, de nos confessarmos sempre que necessário para nos sentarmos à mesa do Banquete Divino!

Três polos eucarísticos

São João Paulo II, o Papa e o Santo Mariano com o seu lema Totus Tuus – “Todo teu, Maria”, foi um Papa eucarístico. Soube ensinar-nos que Maria é a “mulher eucarística”, que era a Senhora do Santíssimo Sacramento, que o “Ámen” que dizemos antes de comungar tem grande semelhança ao “sim” que a Virgem disse ao Anjo. E o Papa era na sua vida pessoal um adorador eucarístico, um reparador eucarístico, um amante da Divina Eucaristia, com contínuas vigílias, com adorações frequen-

tes. João Paulo II ensinou-nos a contemplar os três polos da Eucaristia: a celebração, a comunhão e o sacrário. Cada um dos polos merece a nossa oração, a nossa reflexão, a nossa adoração. E Maria, a “mulher eucarística”, pode ajudar-nos a saborear cada um dos polos e a tentar passá-los para a nossa vida quotidiana: sermos eucarístia com Cristo, centrarmos em Jesus Eucaristia a nossa vida e percebermos que o grande fruto da Eucaristia, a grande graça é a nossa divinização. É para isso a Ceia, a comunhão e o sacrário que prolongam a presença de Jesus, que nos convida à adoração, que continua a dizer-nos “Vinde a Mim”, que deseja a nossa presença, a nossa amizade, o nosso amor, a nossa reparação. Ou seja, quanto mais eucarísticos, como Nossa Senhora e com a ajuda d’Ela, mais divinizados, mais centrados no essencial.

A cura da mãe de Lúcia

Manuel Arouca | Responsável pelo sector da comunicação social do MMF



No ano de 1918, em Aljustrel, a mãe de Lúcia encontra-se acamada e à beira da morte. Lúcia está aflita. Sob o olhar reprovador do pároco e das próprias irmãs, avança para junto da mãe. Lúcia carrega um olhar enevoado. Aproxima-se da mãe. Maria Rosa ao ver a filha, com os braços trémulos, ergue-se um pouco e, num gesto que surpreende a própria filha, abraça-a, apertando-a com muita e força, e diz-lhe “– Minha pobre filha que será de ti sem mãe? Morro contigo atravessada no coração...”. Maria Rosa irrompe em imprevisíveis soluços, não largando a filha, como se ela fosse a verdadeira espinha que se lhe atravessava na garganta, antes de partir para os braços de Deus. Maria dos Anjos, uma das irmãs, arranca Lúcia dos braços da mãe e arrasta-a para a cozinha. Na cozinha, Maria dos Anjos vira o rosto de Lúcia na direção do seu. Teresa, outra irmã, aproxima-se. Maria dos Anjos, com autoridade de irmã mais ve-

lha, avisa Lúcia de que ela nunca mais vai entrar no quarto da mãe. Está proibida! Teresa acrescenta que Lúcia só lhe causa desgostos. Maria dos Anjos completa ainda que a mãe vai morrer amargurada, por causa de Lúcia. Esta, sentido uma profunda tristeza e dor interior, deixa-se ajoelhar, pouso os braços num banco, com uma expressão de súplica. Teresa diz-lhe: “– Lúcia, se é certo que viste Nossa Senhora, vai agora à Cova da Iria pedir-lhe que cure a nossa mãe...”. Maria dos Anjos, que sempre teve afeto pela irmã mais nova, Lúcia, conclui: “– Promete-lhe o que quiseres, que o faremos. E então acreditamos!”. Lúcia sente-se entre a espada e a parede e o seu rosto cobre-se de lágrimas.

Lúcia, na Cova da Iria, rezando o terço, caminha na direção da azinheira (já despida), onde se encontra o “arco”. Lúcia ajoelha-se junto da carrasqueira e pede a Nossa Senhora que cure a mãe e promete-Lhe que irá até ali com

as irmãs, rezando o terço e que vão de joelhos. Iluminada pela lua e pelas estrelas, olha para trás e exclama: “– Pai!... Deus Nosso Senhor levou a mãe?”. O pai de Lúcia, com carinho, ajuda-a a erguer-se e abraça-a. “– Estávamos todos em cuidados contigo, nunca mais voltavas”. “– Mas a mãe?”, insiste Lúcia, em tom de culpa. António, pai de Lúcia, passa-lhe a mão pelo ombro: “– Anda”.

Já é noite, entram em casa, alumada à luz das lamparinas. Lúcia caminha pela mão do pai. No quarto dos pais, na cama, Maria Rosa, tronco levantado, encostado às almofadas, come a sopa com apetite. Teresa sorri para Lúcia: “– A mãe está curada”. Lúcia desprende-se da mão do pai e anda na direção da mãe. Lúcia, exprimindo uma enorme felicidade, segura na mão da mãe: “– Agora já acredita que Nossa Senhora nos apareceu?”. E Maria Rosa, num tom firme, só diz “– Não filha, não acredito”.

MOVIMENTO em movimento

A Peregrinação Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), a qual denominamos Peregrinação com o coração, programada para este ano, nos dias 17 e 18 de julho, irá realizar-se à semelhança do ano passado. Esta decisão foi tomada em reunião do Secretariado Nacional, tendo em conta a imprevisibilidade evolutiva da situação de pandemia que estamos a viver.

Através desta forma excepcional de peregrinar, queremos estar todos unidos. Os mensageiros são convidados a peregrinar espiritualmente com o coração ao Santuário de Fátima. Para este efeito, o Secretariado Nacional propõe que todos os mensageiros se preparem para viverem a nossa peregrinação com o coração através de uma novena com meditações sobre o tema deste ano – “Eucaristia, comunhão da vida” –, elaboradas pelo setor dos jovens do MMF. Esta novena irá ser transmitida todos os dias, do dia 8 ao dia 16 de julho, pela TV Canção Nova, às 20h30. Todos os mensageiros devem procurar estar unidos por este meio de comunicação. Se de todo não for possível, devem procurar rezar o terço a essa hora durante os nove dias seguidos. No dia 17 e 18, vamos estar todos unidos ao Santuário de Fátima em direto pela TV Canção Nova, no sábado, às 18h30, através do Rosário, onde o MMF vai entregar o presente a Nossa Senhora. Os secretariados diocesanos podem enviar para o Secretariado Nacional, até ao dia 30 de junho, o número de terços, os 5 primeiros sábados e as Adorações Eucarísticas realizadas ao longo do ano. Esperamos que este ano o nosso presente tenha o contributo e o enriquecimento de todas as dioceses. Ainda neste sábado, dia 17 de julho, os mensageiros responsáveis devem promover uma Adoração Eucarística nas paróquias, cuja organização ficará a cargo dos secretariados diocesanos e paróquias.

No domingo, dia 18 de julho, vamos estar todos unidos de novo em direto pela TV Canção Nova às 11h00 com a transmissão da Santa Missa no recinto do Santuário. Neste dia pedimos a presença de 3 elementos de cada diocese com uma bandeira do Movimento para que cada secretariado diocesano esteja representado no recinto de oração do Santuário de Fátima.

Procuremos viver esta peregrinação com o coração, renovando a nossa entrega e compromisso para com a missão que Nossa Senhora confia a cada mensageiro.

PROGRAMA

8 a dia 16 de julho

20h30 | Novena com transmissão na TV Canção Nova

17 de julho

Adoração Eucarística nas paróquias organizada pelos responsáveis diocesanos e paróquias.

18h30 | Terço em direto da Capelinha das Aparições, com transmissão na TV Canção Nova. Entrega da prenda a Nossa Senhora. Compromisso dos mensageiros.

18 de julho

11h00 | Eucaristia em direto do recinto do Santuário de Fátima, com transmissão na TV Canção Nova

Um tesouro escondido e esquecido

Padre Manuel Antunes

Amigos Mensageiros, após algumas reflexões que já fizemos e publicamos, convidamos hoje a refletirdes comigo sobre a presença de Jesus nos sacrários das nossas paróquias. Na sua missão apostólica, Jesus disse: “eu estarei convosco até ao fim dos tempos”, Mt 28, 20.

Entre as várias presenças de Jesus no meio de nós, uma das mais importantes é a Sua presença nos nossos sacrários. O Anjo da Paz em Fátima, na Loca do Cabeço, recordou na terceira Aparição esta presença quando rezou:

Santíssima Trindade,

Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo presente em todos os sacrários da terra...

Se a Eucaristia é o coração da Igreja, como a paróquia é uma parcela desta Igreja, leva-nos a pensar que Jesus Cristo presente no sacrário é o coração da paróquia.

Dos três Pastorinhos de Fátima, o que mais se evidenciou no amor a Jesus, presente no sacrário da sua igreja paroquial, foi o Francisco. Quando alguém lhe perguntava o que estava ali a fazer há tanto tempo respon-

dia: estou a consolar Jesus que está muito triste e o que Nossa Senhora pediu foi que não O ofendessem, mas as pessoas não fazem caso.

Os secretariados diocesanos têm motivado os Mensageiros e outras pessoas a visitar Jesus, de uma forma organizada, nos sacrários das igrejas paroquiais, em pensamento e com o coração. Tudo o que puderdes fazer nesse sentido é bom.

Como modelo desta visita aos sacrários da paróquia temos a beata Alexandrina de Balasar, da arquidiocese de Braga, que no seu quarto, onde esteve imobilizada durante 33 anos, se fez peregrina

em pensamento e com o coração do sacrário da sua igreja paroquial; e pediu em testamento que, quando a sepultassem, deixassem o seu rosto voltado para o sacrário da sua igreja.

Jesus presente no sacrário de cada paróquia não está inativo. Ele vai recordando às pessoas algumas mensagens que nos deixou:

“Vinde a mim, vós todos que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei”, Mt 11, 28;

“Eu sou o caminho a verdade e a vida”, Jo 13, 6;

“Eu vim ao mundo para servir e não para ser servido”, Mc 10, 33;

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, Jo 15, 12;

“Dou-vos a minha paz não como o mundo vo-la dá”, Jo 14, 27;

“Eu sou a luz do mundo, quem me segue terá a luz da vida”, Jo 7, 12;

“Eu não vim ao mundo para condenar, mas para salvar”, Jo 12, 47;

Estas e outras mensagens Jesus gosta de as recordar a todas as pessoas que o visitam no seu sacrário, pessoalmente ou em pensamento e com o coração.

Terminamos com esta mensagem de Jesus: “Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti”, Jo 17, 21.

D. José Tolentino Mendonça defende “novo começo” para a humanidade a partir da mensagem de Fátima

Cardeal apresenta o amor como o “mais verdadeiro, profético e necessário desconfinamento”.

Carmo Rodeia

O cardeal português D. José Tolentino Mendonça, presidente da Peregrinação Internacional Aniversária de maio, afirmou na homília da missa do dia 13 que o mundo precisa de um “novo começo”, no pós-pandemia, para transformar “a crise em oportunidade” e “a calamidade em esperança”. “O amor é o mais verdadeiro, o mais profético, o mais necessário desconfinamento”, referiu o presidente da peregrinação internacional de maio, na homília da missa que reuniu 7 500 peregrinos no Recinto de Oração da Cova da Iria.

O cardeal Tolentino Mendonça referiu que a fé transforma a experiência da crise em “ocasião para relançar a vida”: “Olhando para a cruz poderíamos pensar que Jesus estava brutalmente confinado. E estava. Mas o verdadeiro desconfinamento é aquele que o amor opera em nós”.

O colaborador do Papa evocou a experiência de sofrimento de Jesus, que “ensina a transformar as crises em laboratórios de esperança”.

D. José Tolentino Mendonça defendeu a necessidade de um “relançamento espiritual” para o pós-pandemia, que ultrapasse a “expressão material da vida”. “Sem dúvida que é urgente garantir o pão, e esse trabalho exi-



Nos dois dias da peregrinação o Recinto de Oração atingiu a lotação máxima estabelecida mais de uma hora antes do início das celebrações.

gente – fundamentalmente de reconstrução económica – deve unir e mobilizar as nossas sociedades. Mas as nossas sociedades precisam também de um relançamento espiritual. Sem o pão não vivemos, mas não vivemos só de pão”, afirmou.

O cardeal e poeta português considerou que o mundo enfrenta “um imenso desafio a renascer”, por causa da crise provocada pela COVID-19. “Não basta voltarmos ao que éramos antes; é preciso que nos tornemos melhores. É preciso um suplemento de alma. É preciso que desconfinemos o nosso coração”, sustentou.

O arquivista e bibliotecário da

Santa Sé convidou todos a um “balanço interior” sobre estilos de vida e modelos de desenvolvimento, transformando-os para gerar “uma verdadeira e criativa hospitalidade da vida”. “Não tenhamos dúvidas: a reconstrução pós-pandemia depende do modo como encararmos a fraternidade”, assinalou, citando o pensamento do Papa Francisco.

O cardeal, que chegou a esta peregrinação a pé, como peregrino de Fátima, depois de ter feito alguns quilómetros com as Equipas de Nossa Senhora que assiste, afirmou que é preciso ver para lá das “tantas lágrimas, demandas e promessas”.

“A Fátima nós peregrinos che-

gamos sempre de mãos vazias. Mas de Fátima levamos, acordado dentro de nós, um sonho. Fátima ensina, assim, como se ilumina um mundo que está às escuras. Seja o pequeno mundo do nosso coração, seja o coração do vasto mundo”, observou. “Obrigado, Senhora, por fazeres deste lugar uma alavanca da nossa humanidade. Um laboratório sem portas nem muros, sempre aberto para a esperança! Em ti, louvamos o Senhor que nos reergue de todas as fraquezas”, destacou.

Já na noite anterior, D. José Tolentino Mendonça tinha salientado que esta pandemia, marcada pelo luto e pela mor-

Nesta celebração evocou-se a memória de São João Paulo II, vítima de um atentado na Praça de São Pedro a 13 de maio de 1981. Evocou-se, igualmente, a coroação da Imagem que se venera na Capelinha das Aparições, a 13 de maio de 1946. Nesta celebração foi retomado o momento da Palavra ao Doente.

te, devia ser uma oportunidade para tornar as pessoas melhores de forma a que o sofrimento não tenha sido em vão. “A turbulência da pandemia também nos desinstalou e nos ajudou a identificar o essencial com mais clareza”, apontou, destacando as perguntas que nasceram no coração humano e se “podem tornar um trampolim de futuro”.

D. José Tolentino Mendonça apontou o desafio de “consolar, de cuidar e de reconstruir” a humanidade, no pós-pandemia, com um olhar de esperança. “Precisamos da esperança para transformar os obstáculos em caminhos e os caminhos em novas oportunidades. Precisamos da esperança para nos unirmos mais, para construirmos sociedades eticamente qualificadas, sociedades que concretizem a justiça social e a fraternidade entre todos os homens”, concluiu.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

No painel de mosaico de Marko Ivan Rupnik, que cobre todo o presbitério da Basílica da Santíssima Trindade no Santuário de Fátima, há um portal cuja ombreira, vermelha do lado interior, faz lembrar uma ferida – a ferida do lado trespassado de Jesus na cruz. Ao jeito das obras Concept Spaciale de Lucio Fontana, a ferida aberta no peito de Jesus, de onde «jorrou sangue e

Vermelho do lado de dentro

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

água» (Jo 19, 34), é ela mesma uma porta para uma outra dimensão; uma ferida que cura as nossas feridas, sulcos, tantas vezes infetados e purulentos, ainda a arder ou adormecidas sob cicatrizes ferozes. Na composição do mosaico de Rupnik, a ferida desenha uma abertura por onde passa, para o nosso lado, uma torrente de água de caudal abundante. Sabemo-lo: é o caudal do amor de Deus, da graça vivificante e transformadora. A porta que a ferida é, dá acesso ao coração do próprio Deus, à relação com Ele em profundidade e intimidade. Ele é a fonte do amor e da vida que cura e salva a nossa miséria, nos levanta e cumula de

saciedade e de eternidade.

Se a ferida é uma porta, ela é uma fina porta. Atravessá-la exige que sejamos muito pequenos e simples, despojados de nós mesmos, humildes e abandonados. Talvez exija mesmo que, de tão simples e despojados, sejamos transparentes, porque a ferida é ela mesma um excesso de transparência e dádiva, feita rutura.

Em Maria, no seu coração imaculado, reflete-se a ferida que é porta de entrada para o coração misericordioso de Deus. Pergunto-me muitas vezes, como é que o coração daquela que disse “sim” a Deus, se tornou colo materno, ventre para todos? Como

é que, despreziosamente, encontramos nela um brilho, um caminho e uma companhia que conduz a Deus? Talvez seja porque o seu coração, já puro e unificado pela graça, foi polido e ‘transparentado’ pelo crisol do sofrimento. O coração imaculado de Maria deve ser vermelho do lado de dentro. Porque ela sabe o que é a ferida e que há uma “para lá” dela, pode ela oferecer consolo e amparo, pode ela refletir a misericórdia de Deus.

Numa instalação de 1997, Robert Grober evoca, de forma tão perturbadora quanto realista, o que terá sido a experiência de esvaziamento de Maria, atravessada pela dor da ferida derradei-

ra de Jesus. No centro da grande sala cinzenta, uma imagem da Virgem Maria, de braços abertos e olhar pacífico, é atravessada por um grande tubo de bueiro. Atrás da imagem, pelos degraus de uma escada, corre um fio de água que desce para um piso subterrâneo.

Maria, no teu coração materno e imaculado, moldado pela dor, mas também pela luz da esperança de Deus que jamais se extingue, quando o sofrimento e o desespero nos atravessam, rompe a nossa escuridão com a claridade da certeza do amor salvador de Deus e segreda-nos uma e outra vez: «Não desanimem».

A 'ecologia integral' e a mensagem de Fátima: um caminho para a paz

No ano em que é lançada a plataforma *Laudato Si'*, e se assinala o 6.º aniversário da encíclica verde, olhamos para a mensagem de Fátima a partir da relação entre a Ecologia e a Paz.

Carmo Rodeia.



Fotomontagem. Peregrinos reunidos no Recinto de Oração do Santuário de Fátima, no dia 13 de maio de 2017, sob a silhueta da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Há na mensagem de Fátima “um potencial de inteligência ecológica”, afirmou Isabel Varanda, professora da Universidade Católica Portuguesa, na quinta sessão do Simpósio Teológico-Pastoral de 2018, ao refletir sobre *O Imperativo da Paz como Ecologia Integral*. A propósito do tema afirmava a investigadora que a Paz e a Ecologia “são conceitos inseparáveis”, desde logo, porque a Paz não se resume à ausência de guerra e à paz humana, nem a Ecologia se esgota numa perspetiva ambiental, acrescentando que “a Paz não é possível sem uma justa Ecologia e o equilíbrio ecológico integral sintetiza-se e culmina na Paz com justiça para todas as criaturas e Paz com o Criador”. E, conclui: “existe uma ligação íntima entre justiça, paz e criação. Paz integral, justiça integral e ecologia integral”.

Ao longo de mais de cem anos, os documentos da Igreja e outros a que a Igreja juntou a sua voz, através de pronunciamentos pontifícios, de que se destacam o discurso do Papa Paulo VI nas Nações Unidas; as mensagens papais para o Dia Mundial

da Paz, entre 1968 e 2021; a Carta da Terra e, mais recentemente, a encíclica *Laudato Si'*, apontam para a inspiração de uma ‘ecologia integral’ assente, entre outros, em valores como a não violência e a paz.

De modo inequívoco o Papa Francisco afirma no número 92 da referida encíclica: “não podemos considerar-nos grandes amantes da realidade, se excluirmos dos nossos interesses alguma parte dela: paz, justiça e conservação da criação são três questões absolutamente ligadas que não se poderão separar, tratando-as individualmente sob pena de criar novamente o reducionismo. Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição”.

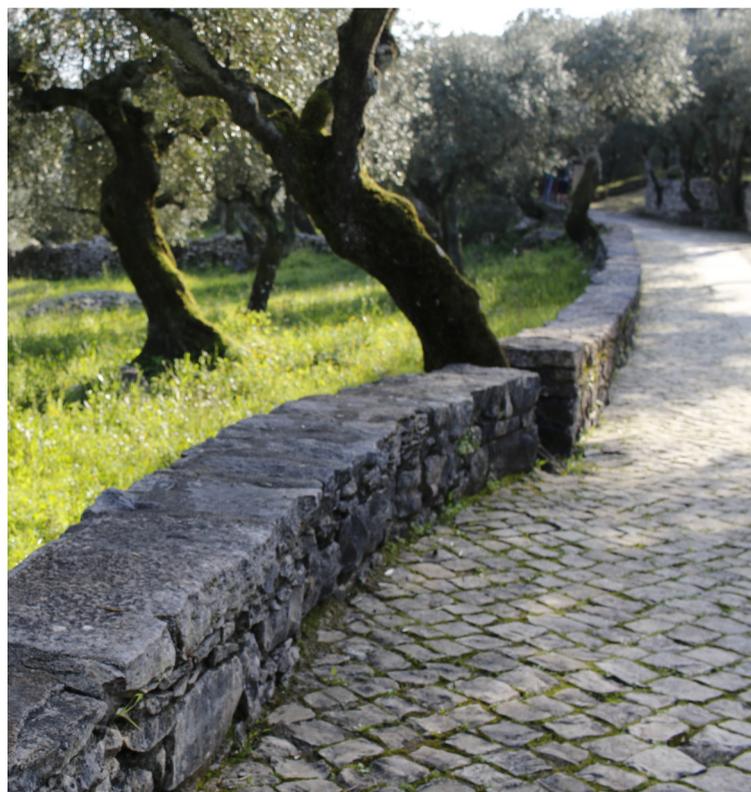
Sendo a Paz um dos eixos centrais da mensagem de Fátima é quase imediato o exercício de relação entre Fátima, a Paz e a Ecologia.

Nas seis aparições de Nossa Senhora, na Cova da Iria, o tema

da guerra e da paz é abundantemente referido tal como esse imperativo categórico da necessidade de conversão: a paz do coração, a paz com o irmão, a

paz com a criação e a paz com o Criador.

Como nos lembra o próprio Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, número 84: “parte de



Nos Valinhos, o “pulmão de Fátima”, o Santuário tem apostado na diversificação das culturas, desenvolvendo ecologicamente este espaço privilegiado de contacto com a natureza.

uma adequada compreensão da espiritualidade consiste em alargar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da Ecologia e com o bem comum”.

O Papa Bento XVI, na mensagem para o XLIII Dia Mundial da Paz 2010, ano em que visitou Fátima e deixou pistas para a celebração do Centenário das Aparições, afirmou “se quiseres cultivar a paz preserva a criação”.

Talvez esta seja uma das possíveis chaves de leitura da Mensagem neste dealbar do século XXI. A ecologia humana, proposta já por João Paulo II na encíclica *Centesimus Annus* (1991), e que agora é retomada pela primeira grande encíclica verde da Igreja Católica, desafiará a um estudo mais aturado da Mensagem, que não se fecha em si mesma nem termina com a revelação de um segredo.

Regressando a Isabel Varanda, “a importância maior das *Memórias da Irmã Lúcia* não se esgota no facto de serem testemunho vivo do acontecimento passado e celebrado. Elas visam mais o futuro do que o passado; são para memória futura e essa memória futura, um século depois, solicita, concretamente, a extensão semântica da mensagem de Paz”.

“Cuidar da Paz é cuidar da ecologia integral. Cuidar da Paz é a exortação que do alto chega aos Pastorinhos Francisco, Jacinta e Lúcia, e, por eles, ao mundo inteiro: para que todos se salvem, até acabar com o Inferno; salvação, no sentido da expressão grega *sôtèria*, como plenitude de vida de todas as criaturas; *sôtèria* como salvação ecológica integral. Para a salvação de todos e para vencer o Inferno, os Pastorinhos dão a sua vida. [...] Este é o alcance imperativo da mensagem de Fátima: paz com justiça para toda a criação, pois não há paz justa sem integridade da criação”, conclui Isabel Varanda no artigo “Fátima: o Imperativo da Paz como Ecologia Integral”.

Um coração que escuta as suplicas de tantos corações

A mensagem de Fátima e a palavra coração, no seu sentido lato, são indissociáveis. Ao Santuário convergem anualmente milhões de peregrinos, que chegam aos pés de Nossa Senhora em súplica, em gesto de graça, em dúvida, em júbilo, mas sempre proferindo palavras provenientes do mais íntimo de si, do coração.

Cátia Filipe

A segunda aparição, a 13 de junho de 1917, marca Lúcia e toda a narrativa da história de Fátima, pelo compromisso deixado por Nossa Senhora: “Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. E assim é; Fátima ao longo do seu primeiro século afirmou-se como o “oásis espiritual, onde vêm buscar recolhimento e refazer forças”, como referiu pela primeira vez D. António Marto, em agosto de 2011.

Nas Memórias da Irmã Lúcia, a palavra ‘coração’ aparece cerca de 178 vezes. Muitas dessas referências são ao Imaculado Coração de Maria, que foi também o símbolo oficial do Centenário das Aparições de Fátima. “Símbolo do amor incondicional, o Coração de Maria espelha a imagem de cada um de nós, seres peregrinos neste caminho de vida que nos conduz a Deus. Fazendo eco da Mensagem de Fátima, a luz ténue da peça espalha a doçura do coração materno que, na expressão dos espinhos dourados, sublima a dor que, nas chamas levantadas ao céu, apela à consagração às coisas do alto”, explica a sinopse desta peça elaborada pela escultora Cristina Rocha Leiria, que teve como base a escultura produzida expressamente para a exposição temporária do Santuário de Fátima “Ser, o segredo do Coração”, patente ao público no Santuário de Fátima no ano pastoral de 2012-2013.

A primeira consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria aconteceu a 13 de maio de 1931, oito meses depois do reconhecimento oficial das aparições pelo bispo de Leiria, no final da primeira peregrinação nacional do Episcopado português a Fátima. Ainda antes, o cardeal-patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira afirmou: “Os bispos de Portugal, os vossos pastores, reuniram-se hoje aqui para agradecer a Nossa Senhora de Fátima a visita que se dignou fazer à nossa terra. Para que seja completa a cerimónia de ação de graças, vão eles consagrar os seus trabalhos e os destinos de Portugal ao Coração Imaculado de Maria. A consagração é o complemento da consagração nacional ao Sagrado Coração de Jesus, feita há três anos, pelo Episcopado

português. Nossa Senhora, descendo em Fátima, fez dela como que a nova Belém portuguesa. Se a Virgem em Belém deu Jesus ao mundo, Jesus que é a Verdade, a Vida, o Perdão e a Paz, descendo em Fátima, como que nos fez uma nova doação do seu filho. Fátima tornou-se o santuário nacional donde Ela repete a todos os povos: faizei tudo o que o meu Filho vos disser. Mãe de Deus, nós não recebemos Jesus senão pelas suas mãos”. Terminada a alocução, o cardeal proferiu então a oração de consagração. Mais tarde, em outubro de 1942, ano em que se celebrava o 25.º aniversário das aparições, através de uma radiomensagem, o Papa Pio XII consagra o mundo ao Imaculado Coração de Maria.

Diariamente, muitos são os corações e as intensões que se consagram aos pés de Nossa Senhora. Em 2020 e em 2021, as peregrinações estiveram muito limitadas. O Santuário de Fátima foi do tamanho do mundo, através das suas transmissões diárias, acompanhadas por milhões de peregrinos nos cinco continentes. Em resultado, o #peregrinopelocoração lançou o desafio de fazer uma peregrinação ao essencial, procurando viver interiormente o que a experiência da peregrinação suscita e realiza.

A intenção de reparar o Imaculado Coração de Maria

A prática dos Cinco Primeiros Sábados é um ato de reparação ao Coração Imaculado de Maria. Esta devoção surgiu numa aparição em 1925 à Irmã Lúcia, e tem como desígnio reparar o Imaculado Coração de Maria. No primeiro sábado de cada mês a prática passa pela oração do terço e por fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora. Para completar esses atos reparadores, são necessárias a confissão e a comunhão. Na impossibilidade de confissão no primeiro sábado, esta poderá ser feita oito dias antes ou oito dias depois do primeiro sábado.

É perseverante o pedido de reparação no acontecimento de Fátima. O Anjo convida ao sacrifício e à oração: “em ato



de reparação pelos pecados com que [Deus] é ofendido”. Em junho, os Pastorinhos veem na “luz imensa” que a Senhora lhes comunica um coração, que elas compreendem ser o “Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação”. A devoção dos primeiros sábados será, na aparição de julho, indicada como um meio de reparação.

Os Videntes deixaram-se surpreender por esta tristeza de Deus, esse mesmo Deus que os enche de alegria, e o desejo de consolar a Deus surge como vocação. A reparação não é nada mais nem nada menos do que um ato de amor.

No centro do pedido de consagração ao Coração de Maria e da comunhão reparadora nos primeiros sábados está a centralidade de Deus. Enquanto caminho que conduz a Deus, o Coração de Maria é um coração modelado segundo o Coração de Deus, e consagrar-se a ele é acolher-se na vontade de se deixar converter pela misericórdia divina. O Coração Imaculado é ícone dos desígnios de misericórdia de Deus.

AGENDA

junho

18 sex	SIMPÓSIO TEOLÓGICO-PASTORAL de 18 a 20 de junho
19 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO
24 qui	NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA SOLENIDADE
26 sáb	MISSA VOTIVA DA VIRGEM MARIA Imagem e Mãe da Igreja
29 ter	S. PEDRO E S. PAULO, Apóstolos SOLENIDADE

julho

3 sáb	SÃO TOMÉ, Apóstolo FESTA PRIMEIRO SÁBADO
7 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “Os rostos que caminham: os peregrinos de Fátima” 21h15 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima CURSO DE VERÃO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA de 7 a 9 de julho
11 dom	ENCONTRO NA BASÍLICA “Atravessar o sofrimento com(o) Francisco e Jacinta” 15h30 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima